

# Ativismos e práticas têxteis: revisão sistemática da literatura recente na base Scopus

## Activismos y prácticas textiles: revisión sistemática de la literatura reciente en la base Scopus

## Textile Activisms and Practices: A Systematic Review of Recent Literature in the Scopus Database

Recibido: 22/09/2025  
 Revisado: 25/10/2025  
 Aceptado: 03/11/2025  
 Publicado: 01/12/2025

**Mariana Silva Sirena**  
 ICNOVA - NOVA FCSH  
 Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
 mariana.silva@fcs.h.unl.pt  
<https://orcid.org/0000-0001-5164-578X>

Sugerencias para citar este artículo:

Sirena, Mariana (2025). «Ativismos e práticas têxteis: revisão sistemática da literatura recente na base Scopus», *Tercio Creciente*, extra11, (pp. 45-65), <https://dx.doi.org/10.17561/rtc.extra11.9936>

**Resumo**

O trabalho têxtil emerge em diversos contextos como um meio para reivindicar direitos e construir a paz. Entendendo-o, no bojo das artes e dos ativismos, como uma forma de comunicação visual, narrativa e tátil, este trabalho visa contribuir para as reflexões sobre os ativismos têxteis por meio de uma revisão sistemática da literatura recente acerca do assunto. Procuramos compreender a partir de quais vozes, locais e abordagens esta literatura se constitui. Para tanto, foram levantados textos publicados entre 2019 e 2023, indexados na base Scopus, utilizando os termos *textile* associados a *activism*, *artivism* ou *craftivism*. A análise das 39 publicações encontradas aponta para a predominância de autoras mulheres, com origens institucionais concentradas especialmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, seguidos da Colômbia. As suas principais disciplinas são Artes, Administração e Antropologia, sendo que contribuições interdisciplinares dos estudos feministas aparecem em quase 30 por cento das trajetórias. A recorrência da perspectiva do craftivismo e a ausência do artivismo nas abordagens pode indicar a persistência do enquadramento do têxtil no universo artesanal, em detrimento das possibilidades de leituras artísticas. Metodologias baseadas no engajamento presencial do investigador são frequentes, apontando para um tipo de conhecimento próprio da prática têxtil. A revisão permite vislumbrar elementos da complexa trama de dinâmicas sociais, políticas e culturais que permeiam o desenvolvimento histórico do trabalho têxtil, assim como da própria circulação do conhecimento acadêmico nas bases de dados.

**Palavras-chave:** ativismos têxteis, revisão de literatura, artivismo, craftivismo

**Resumen**

El trabajo textil surge en diversos contextos como un medio para reivindicar derechos y construir la paz. Entendiéndolo, en el marco de las artes y los activismos, como una forma de comunicación visual, narrativa y táctil, este trabajo busca contribuir a las reflexiones sobre los activismos textiles mediante una revisión sistemática de la literatura reciente sobre el tema. Buscamos comprender a partir de qué voces, lugares y enfoques se constituye esta literatura. Para ello, se recopilaron textos publicados entre 2019 y 2023, indexados en la base de datos Scopus, utilizando los términos *textile* asociados a *activism*, *artivism* o *craftivism*. El análisis de las 39 publicaciones encontradas señala la predominancia de autoras mujeres, con orígenes institucionales concentrados especialmente en el Reino Unido y los Estados Unidos, seguidos de Colombia. Sus principales disciplinas son Artes, Administración y Antropología; además, las contribuciones interdisciplinarias de los estudios feministas aparecen en casi el 30% de las trayectorias. La recurrencia de la perspectiva del craftivismo (artesanismo) y la ausencia del artivismo en los enfoques puede indicar la persistencia del encuadre de lo textil en el universo artesanal, en detrimento de las posibilidades de lecturas artísticas. Las metodologías basadas en el compromiso presencial del investigador son frecuentes, señalando un tipo de conocimiento propio de la práctica textil. La revisión permite vislumbrar elementos de la compleja trama de dinámicas sociales, políticas y culturales que permean el desarrollo histórico del trabajo textil, así como de la propia circulación del conocimiento académico en las bases de datos.

**Palabras clave:** activismos textiles, revisión de literatura, artivismo, craftivismo.

### **Abstract**

Textile work emerges in various contexts as a means to claim rights and build peace. Understanding it, within the sphere of arts and activism, as a form of visual, narrative, and tactile communication, this study aims to contribute to reflections on textile activisms through a systematic review of recent literature on the subject. We seek to understand from which voices, locations, and approaches this body of literature is constituted. To this end, texts published between 2019 and 2023 indexed in the Scopus database were gathered, using the terms *textile* associated with *activism*, *artivism*, or *craftivism*. The analysis of the 39 publications found indicates the predominance of female authors, with institutional origins concentrated mainly in the United Kingdom and the United States, followed by Colombia. Their main disciplines are Arts, Management, and Anthropology, with interdisciplinary contributions from feminist studies appearing in nearly 30 percent of the cases. The recurrence of the craftivism perspective and the absence of artivism in the approaches may suggest the persistence of framing textile work within the craft universe, to the detriment of artistic interpretations. Methodologies based on the researcher's in-person engagement are frequent, pointing to a type of knowledge inherent to textile practice. The review allows us to glimpse elements of the complex web of social, political, and cultural dynamics that permeate the historical development of textile work, as well as the circulation of academic knowledge within databases.

**Keywords:** Hair, Racism, Marginalization, Afro-Descendants, Women

### **Introdução**

Os estudos sobre ativismos têxteis têm acompanhado o crescimento e a disseminação de projetos nesse campo, intensificados especialmente após o início da pandemia de Covid-19, em 2020. Experiências como encontros de bordado coletivo, ações de *yarnbombing*<sup>1</sup>, produções artísticas nas artes visuais e performativas, iniciativas de regeneração comunitária por meio do têxtil em áreas afetadas por violência e compartilhamentos online de criações têxteis de resistência exemplificam a diversidade desse movimento. As interseções entre arte, trabalho têxtil e política em contextos globais têm sido exploradas por meio contribuições multidisciplinares e interdisciplinares, num mosaico de enquadramentos teóricos cujas nuances estão por ser sistematizadas.

Buscando agregar reflexões a essa área temática, este artigo identifica, mediante revisão sistemática de literatura na base Scopus, as vozes, geografias, casos e abordagens que têm constituído as pesquisas sobre ativismos têxteis nos últimos anos, traçando, assim, um panorama de tendências acadêmicas. O estudo integra a pesquisa bibliográfica

<sup>1</sup> Também conhecido como graffiti de tricô ou crochê, é uma forma de intervenção artística de rua em que objetos em ambientes públicos urbanos são cobertos com peças geralmente feitas com fios de lã

para um projeto de tese em andamento, que investiga como práticas têxteis manuais podem atuar como meio de diálogos interculturais, com foco no estudo de caso do projeto *Cartografias Têxteis*, uma rede colaborativa que articula dezenas de grupos em todos os continentes através de arte, artesanato e design têxteis participativos.

Partimos da premissa de que o têxtil é um conceito ambíguo, sendo simultaneamente material, linguagem e metáfora (Dormor, 2020). Na costura manual e em outras técnicas artesanais, os movimentos lentos e rítmicos encapsulam dimensões funcionais e simbólicas de processos como conexão, colaboração ou separação (Shercliff, 2015). Para Mitchell (2013), assim como na linguagem verbal o sentido emerge das relações entre significantes, no têxtil ele nasce da articulação entre pontos e costuras, em sequências de ações que conferem a ele um caráter processual e performativo.

O conhecimento envolvido nas práticas têxteis é incorporado, adquirido e praticado de formas específicas, de acordo com Shercliff, sendo gerado na relação entre pessoas, materiais e movimentos. Ações como repetir, desfazer, remendar e juntar operam transformações nos materiais e nos corpos que as executam, permitindo que “a materialidade se expresse a partir da voz e do corpo daqueles que fazem o têxtil” (Pérez-Bustos, 2021, pp. 218-219, tradução nossa). Nesses processos, assim como em outras práticas de artesanato, o conhecimento se constrói numa relação entre ideia e matéria, desenvolvida na memória corporal (Sennett, 2009).

Na contemporaneidade, os trabalhos têxteis estendem-se e deslocam-se entre as áreas da arte, do artesanato e da indústria, e, sendo definidos ora como trabalho, ora como lazer, têm o potencial de questionar as fronteiras convencionais entre campos como, por exemplo, o das artes, o das práticas cotidianas e o da política (Bryan-Wilson, 2017). Por esses aspectos, principalmente a partir do século XX, as práticas têxteis estão intimamente ligadas a processos de resistência e manifestações por mudanças, conforme cada cultura e realidade social. O termo “ativismos têxteis” é aqui empregado para caracterizar expressões surgidas desses processos.

Bryan-Wilson emprega a noção de *textile politics* para descrever a complexa relação entre o têxtil e a política, utilizando a palavra *textile* não só como substantivo ou adjetivo, mas também como verbo, ou como um procedimento de dar matéria à política: “*to textile politics* é dar textura à política, recusar binários simplistas, reconhecer as complicações: (...) é tornar tangível a sua produção, capturando a essência dessa tangibilidade, seja ela suave ou irregular” (Bryan-Wilson, 2017, p. 7, tradução nossa). Assim, as leituras acadêmicas dos fenômenos relacionados à produção têxtil podem ser encaradas a partir do desafio de encontrar metodologias que se dirijam à variedade de processos materiais, causas sociais em jogo, formas multisensoriais de comunicação e modos de circulação afetiva nesses contextos, com o objetivo de encontrar as texturas das relações políticas reveladas pelos fazeres têxteis.

É a partir desta percepção do trabalho têxtil como linguagem, como conhecimento inseparável da experiência corporal, e como metáfora para processos complexos relacionados ao constante tramar das relações sociais, que desenvolvemos este mapeamento de publicações.

## Metodología

Com uma abordagem exploratória e descritiva, este trabalho, como foi já referido, consiste em uma revisão sistemática da literatura recente sobre ativismos têxteis. A base de dados selecionada para a investigação foi a Scopus devido à sua abrangência de conteúdos e relevância no meio acadêmico.

Para a realização das buscas, foi definido como recorte temporal o período de 2019 a 2023, a fim de contemplar uma produção atualizada sobre o tema. Como termo inicial de pesquisa, utilizamos a palavra *textile* associada a *activism*. Após uma leitura exploratória do material coletado e uma identificação de nomenclaturas recorrentes (ou ausentes), novas buscas foram realizadas, agora associando o termo *textile* a *craftivism* e *artivism*, separadamente. O objetivo dessas pesquisas adicionais foi abranger e interpretar as diferentes formas de referência aos fenômenos de ativismo têxtil, ou que tomam o conceito de ativismo para analisar questões relacionadas com o universo da produção têxtil<sup>2</sup>.

As buscas foram conduzidas inicialmente em maio de 2024 e complementadas em dezembro do mesmo ano, e limitaram-se às publicações nas categorias “artigos” e “capítulos de livros”, por contemplarem resultados de investigações mais consolidadas do que os resumos e outros tipos de comunicações. No total, foram reunidos 39 textos (35 artigos e quatro capítulos), com a participação de 59 autores.

Após a leitura, os textos foram categorizados por: informações básicas da publicação (autores, ano, título, nome do livro ou periódico); abordagem metodológica empregada nos estudos; conteúdos analisados (casos estudados, aspectos geográficos a eles relacionados); terminologia utilizada (*activism*, *craftivism* ou *artivism*); e DOI. Em um segundo momento, foram organizados os dados referentes às autorias, permitindo mapear: origens geográficas e institucionais dos autores; suas áreas de estudo predominantes; gênero; e frequência de publicação por autor no contexto deste corpus.

A seguir, apresentamos a análise detalhada das tendências identificadas, pensando em responder: quem fala sobre estes temas? A partir de quais abordagens? E quais são as experiências que têm estado em foco?

## Referencias

Os 59 investigadores envolvidos na elaboração das 39 publicações analisadas provêm de uma grande diversidade de campos acadêmicos, geografias e experiências. Em um primeiro momento, categorizamos as origens disciplinares. Para isso, foram consideradas as áreas de atuação mais recentes dos autores, conforme biografias apresentadas nos

2 Sublinhamos que, ao não restringir as buscas aos termos “textile activism”, “textile artivism” e “textile craftivism”, com as palavras necessariamente juntas e nesta ordem, abrimos o leque de resultados para pesquisas que não se referem exclusivamente a processos de resistência já classificados nesse âmbito na literatura, de forma a englobar abordagens e experiências diversificadas.

próprios artigos ou capítulos. Quando as informações não estavam evidentes nos textos, recorremos às páginas institucionais das universidades às quais os investigadores estão associados ou à plataforma ORCID.

Devido à variedade de designações das áreas, foram efetuados alguns agrupamentos para alcançar uma visão geral concisa da produção. Por exemplo, investigadores de diferentes campos das Artes e do Design foram reunidos em uma única categoria quando os seus percursos convergiam em termos de temas e preocupações. Quando os temas do Design estavam mais relacionados com a Moda na trajetória do autor, classificámos na categoria “Moda/Design”. Agrupamos, também, pelas proximidades temáticas, as áreas da Literatura e do Estudo de Línguas; as da Sociologia, Ciência Política e Políticas Públicas; as de Multimídia, Humanidades Digitais e Indústrias Criativas; e as de Filosofia com outros Estudos Interdisciplinares. Assim, chegamos a um total de 15 áreas temáticas. Conforme é possível observar no gráfico na sequência (figura 1), as áreas que mais concentram autores são Artes/Design, correspondente a 15,25% do total de investigadores, Administração (13,56%) e Antropologia (11,86%).

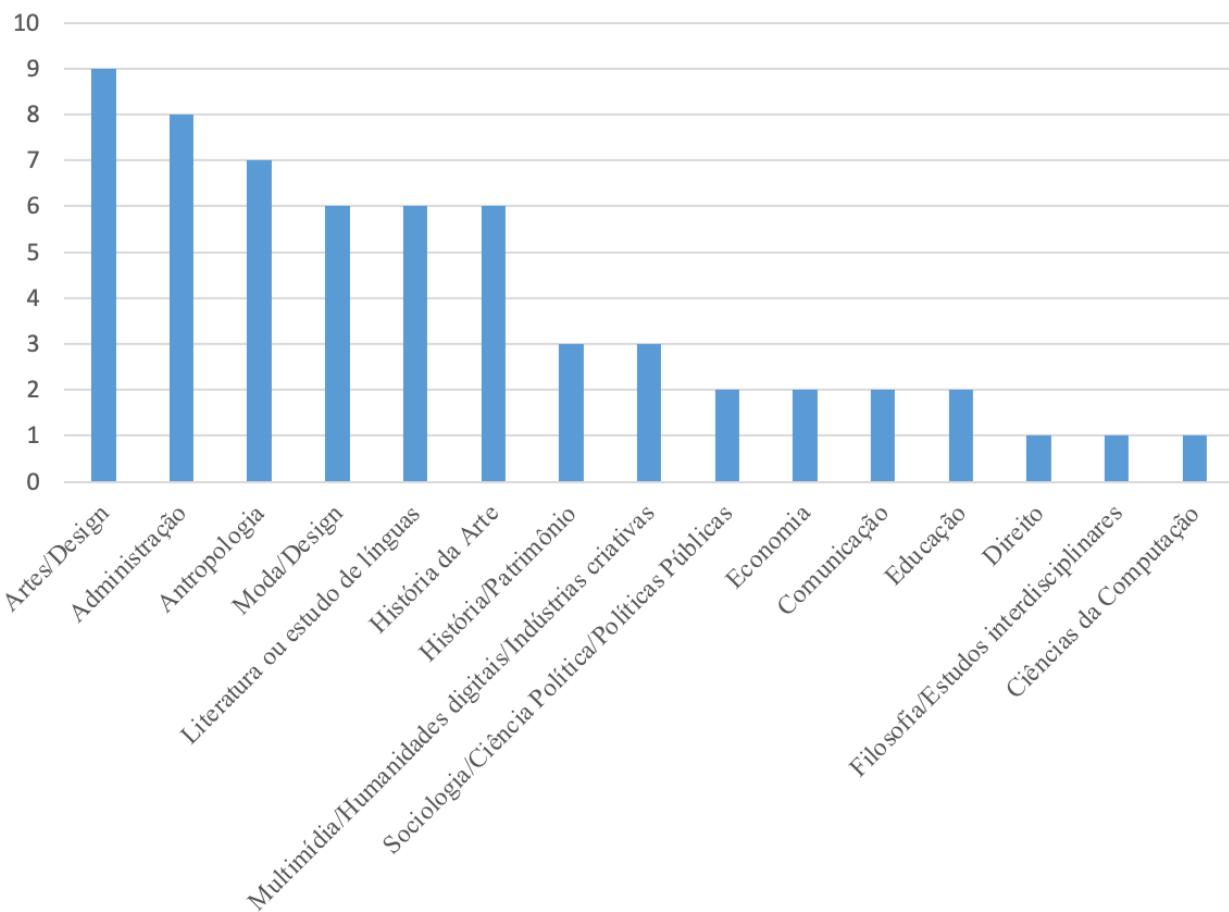


Figura 1 – Áreas de investigação dos autores

Mais da metade dos autores do corpus trabalham nas áreas das Artes, do Design, da Moda, da Antropologia, da História da Arte e dos estudos de Literatura e de Línguas, o que vai ao encontro dos tipos de fenômenos geralmente em foco quando se fala de ativismos têxteis, afinal, são inúmeras as expressões artísticas e culturais nesse âmbito. A grande recorrência de autores da área da Administração coincide com a presença de três textos específicos, envolvendo seis autores norte-americanos e dois suecos, que se debruçam sobre iniciativas de moda e design tidas como sustentáveis, ou sobre percepções de consumidores acerca do conceito de sustentabilidade em relação ao mercado da moda. Tais enquadramentos revelam que, nesta literatura, a noção de ativismo não se restringe a movimentos de resistência por parte de grupos sociais marginalizados ou com reivindicações específicas, mas pode estar presente, também, na análise de processos da economia de mercado e posturas empresariais.

Cabe ressaltar que alguns autores provindos de áreas diferentes colaboram entre si em certos textos, sendo que há uma importante presença de investigadores cujas trajetórias se relacionam com a área interdisciplinar dos estudos de gênero: 17 autoras (28,8% do total) têm ligação com esta área, ou com os estudos feministas, para além da vinculação às áreas expostas na figura 1.

Este dado dialoga com a histórica relação das práticas têxteis — no Ocidente, principalmente consolidada a partir do Renascimento — com os espaços domésticos, ocupados ao longo de gerações especialmente pelas mulheres. Conforme afirma Bryan-Wilson (2017), os têxteis são formas de comunicação que carregam ambiguidades, podendo ter, inclusive, interpretações conflitantes: eles ocupam tanto lugares de reafirmação de ideais de feminilidade historicamente construídos em relações de poder patriarcal, quanto lugares de resistência, questionamento e confronto a esse mesmo sistema. O uso político dos têxteis em movimentos considerados progressistas tem ocorrências antes da Revolução Industrial, integrou movimentos como os das sufragistas britânicas e norte-americanas do início do século XX, e, nos movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980, teve uma expansão ainda mais significativa. O trabalho têxtil como instrumento de comunicação para as mulheres<sup>3</sup>, no passado e da contemporaneidade, é elemento que traspassa diversas pesquisas localizadas no corpus.

---

<sup>3</sup> Durante o Renascimento, a caneta, como símbolo do conhecimento transmitido pela palavra, consolidou-se como um instrumento masculino, enquanto a agulha foi associada ao feminino. Mas as técnicas têxteis permitiram às mulheres que se expressassem e exercessem a criatividade de maneiras que muitas vezes ultrapassam as possibilidades da escrita, dado que o trabalho têxtil se relaciona com um vocabulário que transcende barreiras linguísticas (de la Garza et al., 2022).

Outro dado que vai ao encontro dessa configuração é que a maioria dos autores é formada por mulheres: são 48 investigadoras envolvidas nos textos do corpus (81%), e apenas 11 investigadores (19%). Ainda que essa proporção deva ser relativizada, já que a presença de mulheres varia entre diferentes campos de investigação e contextos institucionais, ela revela mais uma camada de proximidade entre o universo têxtil e o interesse acadêmico de pesquisadoras. A formação das meninas e mulheres em técnicas têxteis na educação formal ocidental, principalmente na primeira metade do século XX (Parker, 2010), pode ser levantada como um possível fator de maior intimidade de mulheres com esses temas, inclusive para encorajar estudos na área. Essa interpretação, no entanto, deve ser considerada com cautela e explorada em análises futuras mais detalhadas.

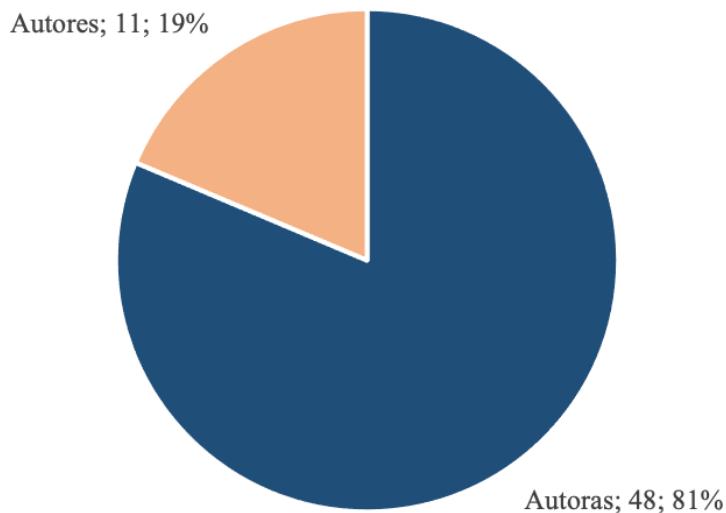


Figura 2 – *Gênero dos autores*

Quando o assunto é a distribuição geográfica dos investigadores, observamos que alguns países concentram a produção acadêmica sobre ativismos têxteis que circula internacionalmente. Os locais que mais apareceram como origem institucional dos autores são o Reino Unido e os Estados Unidos, de onde vêm 54,24% de quem assina os textos do corpus, seguida da Colômbia, origem de 11,86% dos pesquisadores. Cada um dos outros países representa menos de 7% do total de origens, conforme os dados da tabela e no gráfico (figura 3) a seguir.

País de origem do autor	Recorrência
Reino Unido	16
Estados Unidos	16
Colômbia	7
Austrália	4
Suécia	4
Canadá	3
França	2
Espanha	2
Índia	2
Malásia	1
Portugal	1
Coréia do Sul	1
<b>Total</b>	<b>59</b>

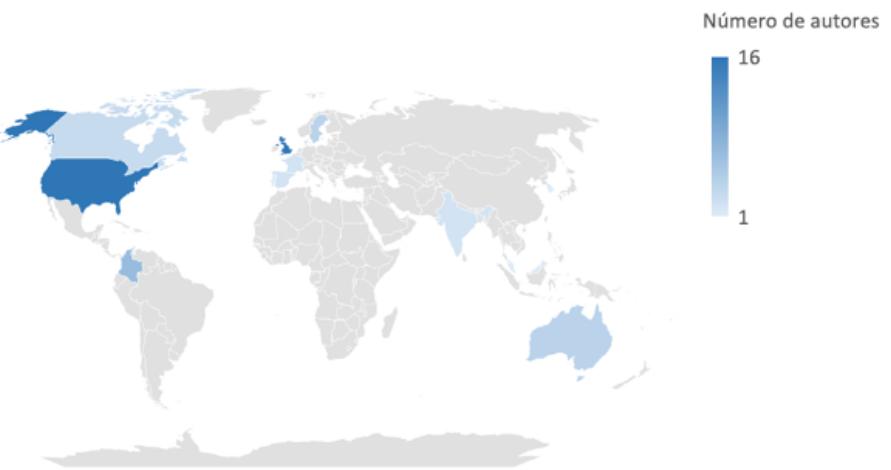


Figura 3 – *Distribuição geográfica dos autores (origem institucional)*

Apesar de países europeus e dos Estados Unidos estarem mais representados nos dados sistematizados sobre as proveniências dos autores, compondo 74% do total das suas origens institucionais, verificamos a consistência da produção científica realizada na Colômbia. De todas as autoras que assinaram mais de um texto da literatura revisada, metade provém deste país latino-americano, que abriga um vasto histórico de experiências de uso político da expressão têxtil. São elas Alexandra Chocontá-Piraquive e Tania Pérez-Bustos, autoras de três textos, além de Eliana Sánchez-Aldana e Natalia Quiceno Toro, autoras de dois textos<sup>4</sup>. Três dos quatro textos em espanhol que compõem o corpus (todos os outros são em inglês) foram escritos por elas.

Cabe, ainda, adicionar, que a publicação mais recorrente no corpus é a revista TEXTILE, onde foram publicados cinco dos 39 textos em estudo. Esta revista interdisciplinar explora os têxteis através de cruzamentos entre arte, tecnologia, história cultural e ciências humanas, entre outros campos, e tem origem britânica, ainda que seu conteúdo, alcance e equipe editorial contemplam conexões internacionais.

Os dados gerais refletem a desigualdade na circulação da produção do conhecimento nas bases de dados, possivelmente influenciada pelas dinâmicas de poder, acesso e distribuição. Diversos países ou continentes que aparecem muito pouco, ou não aparecem, no levantamento realizado, têm produção relevante, mas essa produção não entra de forma tão efetiva nos círculos científicos por uma série de fatores, entre eles, a questão da língua.

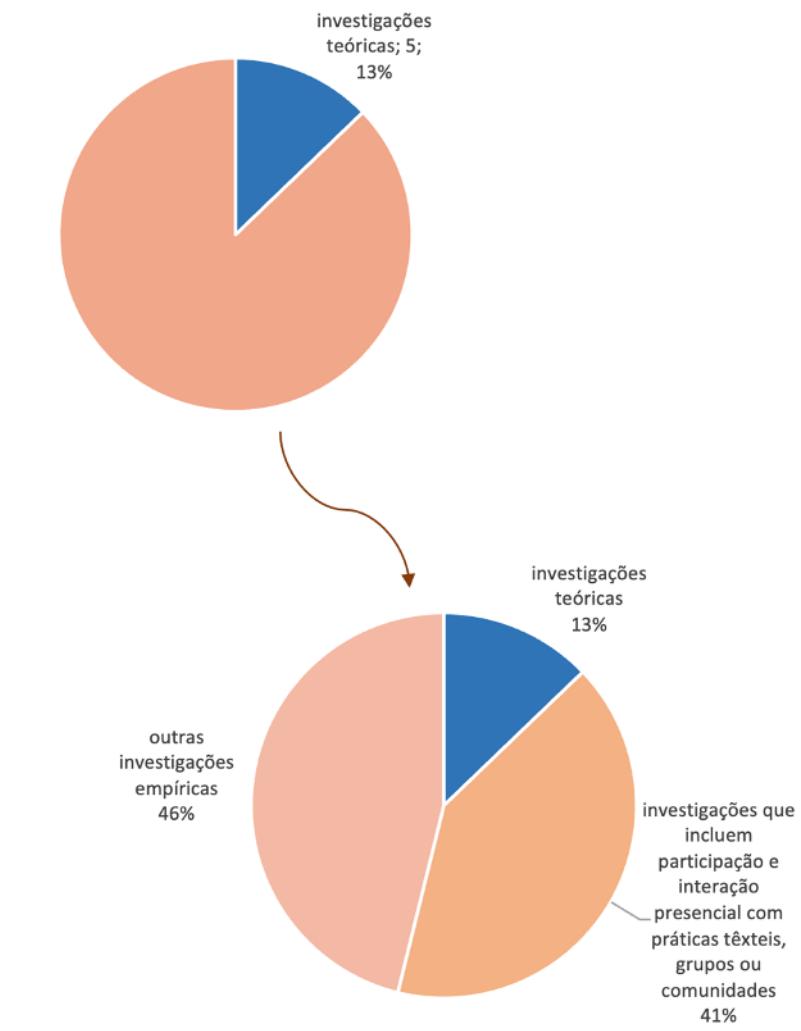
4 As outras pesquisadoras que assinam mais de um texto são Hinda Mandell, dos Estados Unidos; Arti Sandhu, indiana, porém vinculada à universidade norte-americana de Cincinnati, o que a enquadrou na categoria geográfica “Estados Unidos”; e Pamina Koenig e Sandra Poncet, da França.

## A partir de que perspectivas e métodos os investigadores aproximam-se dos temas?

Partindo da premissa de que a abordagem metodológica de uma investigação envolve desde a problematização até a fundamentação teórica e a observação (Braga, 2011), constatamos que o conjunto de textos em análise contempla diversas abordagens metodológicas. Uma parte, correspondente a cinco textos (13% do total), baseia-se em investigação teórica, enquanto os restantes 34 (87%) são investigações empíricas, qualitativas e histórico-culturais. Embora nem todos esses artigos e capítulos de livros mencionem explicitamente as técnicas de abordagem das experiências, é possível identificar algumas linhas gerais de conexão entre eles.

Entre as investigações empíricas, observamos que 16 textos envolvem métodos que incluem interação presencial com práticas têxteis, grupos ou comunidades, seja por etnografia, autoetnografia, investigação-ação ou outras formas de participação. A proporção corresponde a 41% do total de publicações. Essa característica da abordagem investigativa pode estar relacionada com o tipo de conhecimento associado ao trabalho manual têxtil, que é relacionado aos ritmos e padrões dos processos corporais de produção (Sennett, 2009; Shercliff, 2015), como já mencionamos. A compreensão dos significados desses processos é enriquecida pela experiência material dos fazeres têxteis, para além da simples observação e escuta por parte dos investigadores (Pérez-Bustos, 2021). Além disso, o fato de estarmos quase constantemente em contacto com têxteis ao longo da vida possibilita um conhecimento corporal partilhado, o qual deve ser considerado em metodologias alternativas de investigação nesta área (Bryan-Wilson, 2017).

Metade destes 16 textos são assinados por autores que não só descrevem um contato direto com as práticas em estudo, mas também revelam um envolvimento pessoal com as experiências têxteis analisadas. Ou seja, no conjunto das investigações empíricas, oito textos (20,5% do total) são de autoria de pelo menos uma pessoa que participou ativamente da experiência como participante engajado, ou criador, de uma ação coletiva – são os casos dos artigos de Bailey & Walton (2022), González-Arango et al. (2022), Hackney & Setterington (2022) e Mandell (2021; 2023) –, ou como proposito de um encontro ou ferramenta específicos – nomeadamente as pesquisas de Cortés-Rico & Pérez-Bustos (2021), Jeffrey Jehom (2022) e Mazzarella & Black (2023).

Figura 4 – *Perfil metodológico das investigações*

Dentre as estratégias de investigação das outras pesquisas empíricas que não estas envolvendo interação presencial dos investigadores, correspondentes a 46% do corpus (18 textos), estão análises históricas; análises de obras de arte ou de projetos artísticos; estudos de movimentações comerciais de empresas; e estudos com grupos focais.

Outro aspecto metodológico que se destacou no levantamento foi o enquadramento das ações a partir dos termos *activism*, *artivism* ou *craftivism*, escolhidos, como mencionado anteriormente, como elementos-chave para a construção do corpus. Inicialmente, as nossas pesquisas foram direcionadas para o termo *textile activism*, expandindo-se depois para incluir *artivism* e, finalmente, *craftivism*, sempre em associação com o termo *textile*.

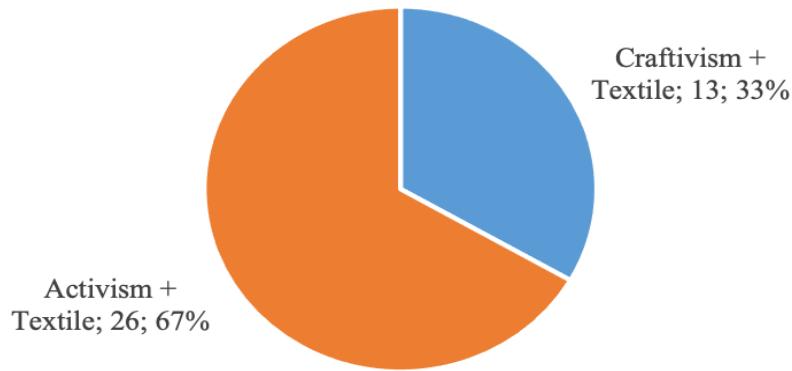


Figura 5 – Recorrência do uso dos termos *activism* e *craftivism* nos textos do corpus

Como é possível observar no gráfico, a maior parte da literatura analisada (26 textos, 66,7%) usa apenas o termo *activism* associado a *textile*. No total, 13 textos fazem menção ao neologismo *craftivism*, enquanto não há menção ao termo *artivism*.

A popularização do “craftivismo”, que combina artesanato (*craft*) e ativismo (*activism*), está intimamente ligada às práticas têxteis, e é atribuída às publicações da escritora Betsy Greer. Este termo é utilizado para descrever práticas artesanais, como o tricô, o crochê e o bordado, na sua capacidade de promover mudanças sociais (Greer, 2014). Corbett (2017), fundadora do *Craftivist Collective*, exalta o artesanato por valorizar ações manuais lentas e repetitivas, uma vez que estas permitem a meditação e a reflexão crítica sobre injustiças sociais, bem como a elaboração de estratégias para superá-las.

Essas abordagens podem ser relacionadas à perspectiva do chamado ativismo silencioso, ou *quiet activism* (Hackney, 2013) que abrange ações cotidianas dentro do ativismo, transcendendo a noção tradicional de protesto. O termo “enfatiza formas práticas, corporificadas, táticas e criativas de agir, resistir, reelaborar e subverter” (Pottinger, 2016, p.3).

É possível encontrar na literatura algumas críticas a práticas e movimentos associados ao *craftivism* – ou ao *knitivism*, termo também empregado para se referir a ações têxteis com intenções de mudança social. Essas críticas destacam, por exemplo, a falta de uma perspectiva interseccional, ou, no caso do uso dos termos no contexto acadêmico, à referencialidade preferencial a experiências do mundo anglo-saxão e de mulheres brancas, fazendo pouca menção às vastas vivências têxteis e ativistas realizadas na América Latina (Bryan-Wilson, 2017). Textos como o de Sánchez-Aldana et al. (2019), que integra o corpus desta pesquisa, colocam a geopolítica global dos movimentos têxteis em causa, argumentando que conceitos da literatura anglo-saxônica apresentam lacunas significativas: questionam a ideia de feminilidade historicamente associada ao trabalho têxtil e o seu espaço supostamente natural – o privado –, mas pouco abordam a complexidade de realidades onde os têxteis são fonte de trabalho e renda, ou onde as pessoas foram exploradas através deste trabalho.

Chamamos a atenção para a ausência do uso do termo “artivismo” para se referir às experiências de ativismo têxtil. Segundo Raposo (2022), o termo artivismo abrange a ideia de que todos têm criatividade e podem participar dela, assim como todos desempenham um papel ativista numa conceção alargada de ativismo, baseada na capacidade comum de avaliar e agir em prol de mudanças. Consideramos que as reflexões sobre artivismo mostram-se fecundas para analisar fenômenos relacionados com as práticas têxteis no contexto do ativismo, merecendo uma exploração mais aprofundada. A maior ligação dos fazeres têxteis com o universo do artesanato (“craft”), comparativamente ao mundo supostamente separado das artes, reflete-se nessas palavras eventualmente empregadas como recursos reflexivos e analíticos sobre certas experiências estéticas.

### **Quais são as experiências em foco nos estudos empíricos?**

Como mencionado na seção anterior, 34 textos do corpus abordam estudos empíricos focados em fenômenos sociais específicos, estudando-os a partir de diferentes abordagens metodológicas. Nesta seção, aprofundamos a compreensão sobre que casos são estes, agrupados em cinco categorias conforme a tabela e o gráfico apresentados na sequência.

Perfil dos casos	Recorrência
Coletivos ativistas e outras experiências de grupos	13
Artistas, designers ou ativistas individualmente estudados	11
Experiências empresariais ou ligadas ao comércio	5
Pesquisa/ação ou estudo de ações em educação	4
Experiência pessoal com elementos têxteis/roupas	1
<b>Total</b>	<b>34</b>

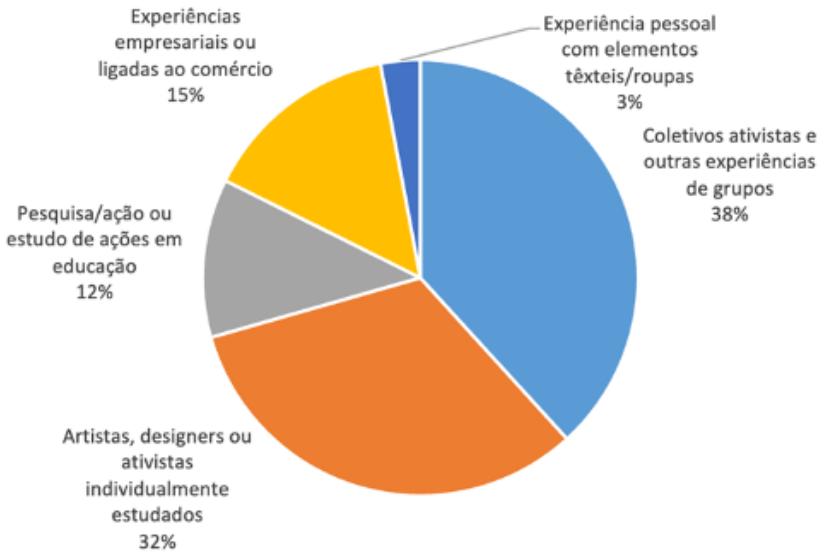


Figura 6 – *Perfis dos casos em foco nos estudos empíricos presentes no corpus*

A análise indica que as práticas em estudo são predominantemente de coletivos ativistas, sejam aqueles dedicados à mudança social através de protestos no espaço público; sejam os de resistência em comunidades de povos originários; sejam os que promovem exposições coletivas reunindo peças têxteis; ou aqueles que não possuem um caráter político tão explícito, mas podem ser enquadrados na categoria de “ativismo silencioso”. Dentro do total dessas 34 investigações empíricas, esta categoria de casos contempla 38% dos textos. Apenas para citar dois dos casos que ganharam visibilidade midiática, e que compõem este conjunto de pesquisas empíricas: Dillon (2024) investigou o projeto *Bordando por la Paz*, do México<sup>5</sup>, e May (2024) analisou o *Pussyhat Project*<sup>6</sup>.

5 Bordando por la paz é um movimento iniciado em 2011 no México, associado ao coletivo Fuentes Rojas e ao Movimento por la Paz con Justicia y Dignidad, que procura protestar contra a violência, assassinatos e desaparecimentos forçados no país. Participantes bordam os nomes das vítimas em lenços brancos, criando uma rede para dar visibilidade às tragédias pessoais e crises humanitárias em diversas regiões mexicanas, provocadas pela chamada “guerra contra o narcotráfico”.

6 Um pussyhat é um chapéu rosa, sem aba, de tricot, criado para o uso na Marcha das Mulheres dos Estados Unidos em 2017, cujo padrão para a confecção manual foi disseminado pela internet. Acabou por se tornar um dos símbolos da marcha e da solidariedade feminina.

A segunda categoria mais presente neste contexto é a que representa o estudo de obras de artistas individuais que podem ser vistas a partir da perspectiva ativista, ou de um conjunto de obras de arte em torno de algum tema ou causa. A categoria corresponde a 32% dos artigos sobre pesquisas empíricas. Corroborando dados já apresentados sobre a proximidade das mulheres com as técnicas têxteis, todas as artistas mencionadas individualmente nos títulos ou resumos dos textos são mulheres, nomeadamente: a brasileira Goya Lopes (1954-); a britânica Althea McNish (1924-2020); as norte-americanas Nettie Asberry (1865-1968), Abigail Duniway (1834-1915) e Ellen Lesperance (1971-); a malawiana Billie Zangewa (1973-), além das suecas Åsa Schagerström (1973-), Lotta Sjöberg (1974-) e Sara Granér (1980). Chamamos a atenção para o fato de que Lopes, McNish, Asberry e Zangewa, quase metade das artistas nomeadas, são afrodescendentes ou africanas. A questão do ativismo antirracista é tematizada em todos os textos referentes a elas, o que revela a preponderância da questão racial nas leituras analíticas de artistas africanas ou afrodescendentes quando a questão política é posta em causa.

Outra categoria é a dos textos sobre experiências empresariais relacionadas à sustentabilidade, ou sobre o comércio, contemplando 15% do conjunto das pesquisas empíricas. Entre os textos estão estudos de caso sobre o ativismo corporativo de empresas de moda para influenciar regulamentação pela sustentabilidade (Corvellec, & Stål, 2019); um artigo acerca de uma iniciativa norte-americana relacionada à produção sustentável de acessórios em lã, criada junto a agricultores, com o intuito de ajudar a preservar ovelhas ameaçadas de extinção (Trejo et al., 2023); e o já mencionado texto sobre a percepção de consumidores relativamente à sustentabilidade no mercado da moda (Chang et al, 2023). Há também dois textos que se debruçam sobre os efeitos econômicos de um escândalo de responsabilidade social envolvendo a indústria têxtil (Koenig & Poncet, 2019; 2023) – mais especificamente, o desabamento do edifício Rana Plaza, em 2013, em Bangladesh, que abrigava a produção industrial de itens têxteis, e que ruiu decorrência de processos negligentes de gestão<sup>7</sup>.

Publicações que apresentam projetos práticos desenvolvidos pelos investigadores em propostas de pesquisa-ação, ou descrevendo experiências educativas com têxteis junto a comunidades, compõem 12% destas investigações empíricas. Temos, por exemplo, reflexões sobre workshops de artesanato têxtil como instrumentos de promoção de bem-estar (Hackney & Setterington, 2022); um relato sobre a criação comunitária de uma ferramenta comercial com ênfase na conservação do aspecto intangível de um tipo de tecelagem tradicional da Malásia (Jeffrey Jehom, 2022); a implementação de um projeto de design ativista em uma comunidade de Londres (Mazzarella & Black, 2023) e um texto que, ainda que tenha um viés essencialmente teórico e com um componente etnográfico, enfoca algumas experiências de encontros entre a materialidade digital e têxtil provocadas pelas autoras junto a diferentes grupos (Cortés-Rico & Pérez-Bustos, 2020).

Por fim, mencionamos, ainda, um capítulo relativo a uma autoetnografia coletiva acerca do uso de peças de vestuário na academia, este espaço onde historicamente as

7 Neste caso, o ativismo é analisado como um dos fatores que influenciaram o decrescimento de importações e exportações das empresas envolvidas no escândalo.

roupas foram pensadas para corpos brancos e masculinos (Manathunga & Bosanquet, 2021). Classificamos este texto separadamente pela natureza simultaneamente individual e coletiva da experiência ativista em estudo, e por não se tratar de um evento ou projeto específicos, como ocorre com as análises feitas por outros textos.

Do ponto de vista geográfico, há uma maior incidência de textos sobre fenômenos e experiências ocorridas nos Estados Unidos, Reino Unido e Colômbia, ou sobre artistas oriundos desses países, o que reforça os resultados obtidos relativamente às origens institucionais dos autores (ainda que nem todos os investigadores se dediquem a estudar assuntos geograficamente ligados às suas instituições de origem).

País	Número de textos sobre casos no país em questão
Reino Unido	8
Estados Unidos	8
Colômbia	4
Índia	3
Austrália	2
Bangladesh	2
Suécia	2
Bielorrússia	1
Brasil	1
Canadá	1
Egito	1
Guatemala	1
Malawi	1
Malásia	1
México	1
Panamá	1

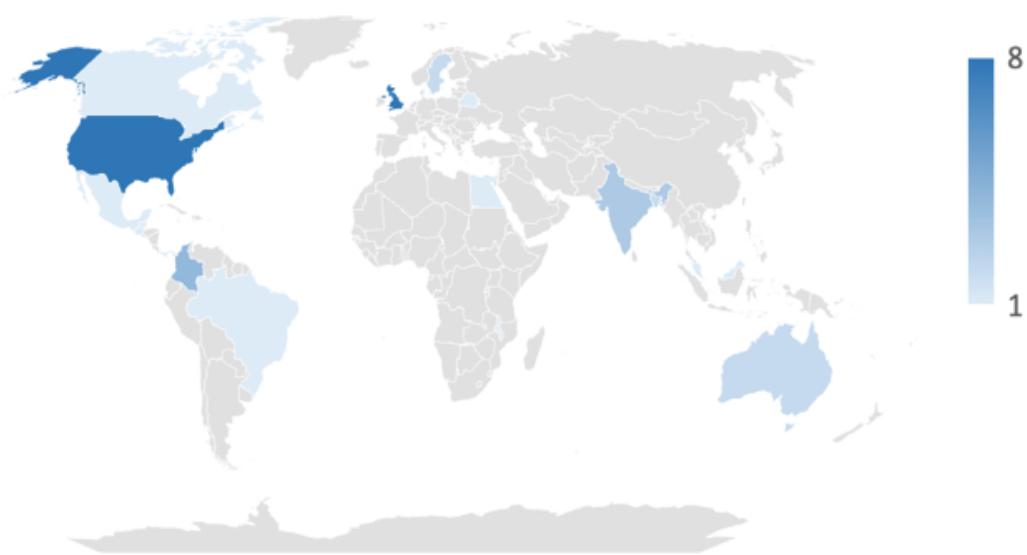


Figura 7 – *Distribuição geográfica dos casos em foco nos textos*

Por fim, acrescentamos que a grande maioria dos textos dedicados à compreensão de casos específicos foca-se em experiências contemporâneas, entendidas como aquelas em curso a partir do século XXI, ou obras artísticas de artistas vivos na atualidade. Embora a relação entre trabalho têxtil e causas políticas tenha raízes históricas, apenas três textos tratam de casos do século XX ou anteriores.

## Conclusões

A partir desta revisão sistemática da literatura sobre as intersecções entre os ativismos e as práticas têxteis, pudemos observar algumas tendências na investigação internacional realizada nos últimos anos que corroboram elementos consolidados da literatura desta área. Os resultados revelam, por exemplo, um campo acadêmico marcadamente feminino, no qual as vozes enunciadoras são de investigadoras e as experiências em foco contemplam movimentos promovidos especialmente por mulheres. Reforçamos também a marcante contribuição dos estudos feministas, com quase um terço das investigadoras envolvidas nas publicações tendo contato com essa área.

Ao mesmo tempo, as assimetrias geográficas na circulação do conhecimento acadêmico revelam-se neste levantamento. A concentração de origens institucionais dos autores e de casos em estudo no eixo Reino Unido-Estados Unidos, que contempla mais da metade das instituições às quais os pesquisadores estão associados, evidencia a pouca representação de vozes africanas e asiáticas na base de dados Scopus, por exemplo. A produção científica latino-americana, que nesta pesquisa desponta pela consistente presença de investigadoras da Colômbia, também fica invisibilizada neste contexto que privilegia lógicas estabelecidas no mundo europeu e anglo-saxônico.

Essa distribuição sugere que, embora o ativismo têxtil seja global em suas manifestações práticas, sua teorização em termos do que circula nas plataformas de produção acadêmica referenciais, como a Scopus, permanece relativamente circunscrita a centros hegemônicos de produção acadêmica. Formas mais inclusivas de indexação e distribuição de reflexões científicas poderiam agregar diálogos potentes a este contexto, visibilizando a ampla produção acadêmica provinda de conjunturas mais diversas do globo.

A pesquisa também permitiu perceber que a área em foco é metodologicamente híbrida, não só pela variedade de áreas disciplinares dos investigadores, mas também pela utilização de múltiplas estratégias investigativas para a abordagem empírica. O fato de que quase a metade dos casos estudados nos textos foi analisada por meio de métodos de participação ou interação presencial dos pesquisadores reforça os esforços para a imersão no caráter materialmente situado dos conhecimentos artesanais, neste caso, especificamente, os têxteis.

Finalmente, o recorrente enquadramento do têxtil ativista como prática craftivista, em detrimento de uma leitura que dialogue com as reflexões sobre o artivismo, abre caminhos para questionamentos sobre fronteiras que ainda existem, e que podem ser desafiadas, na investigação sobre as relações entre o trabalho têxtil e a política. Contribuições das áreas da Educação e da Comunicação, por exemplo, se mais visibilizadas nas plataformas de indexação, têm potencial para agregar perspectivas inovadoras ao campo em pauta.

**Referências e bibliografia**

Braga, J. L. (2011). A prática da pesquisa em comunicação - abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, 14(1). <https://doi.org/10.30962/ec.665>

Bryan-Wilson, J. (2017). *Fray: Art and Textile Politics*. The University of Chicago Press. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226369822.001.0001>

Corbett, S. (2017). *How to be a craftivist: The gentle art of protest*. London: Unbound.

de la Garza, A., Hernández-Espinosa, C., & Rosar, R. (2022). Embroidery as activist translation in Latin America. *TEXTILE*, 20(2), 168-181. <https://doi.org/10.1080/14759756.2021.1962697>

Greer, B. (2014). *Craftivism: The art of craft and activism*. Vancouver: Arsenal Pulp Press.

Hackney, F. (2013). Quiet Activism and the New Amateur: The Power of Home and Hobby Crafts. *Design and Culture*, 5(2), 169-193. <https://doi.org/10.2752/175470813X13638640370733>

Parker, R. (2010). *The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine*. I. B. Tauris & Co Ltd. (Obra original publicada em 1984).

Pérez-Bustos, T. (2021). *Gestos textiles: un acercamiento material a las etnografías, los cuerpos y los tiempos*. Editorial Universidad Nacional de Colombia.

Pottinger, L. (2017). Planting the seeds of a quiet activism. *Area*, 49(2), pp. 215-222. <http://www.jstor.org/stable/44329644> <https://doi.org/10.1111/area.12318>

Raposo, P. (2022). Performances políticas e artivismo: Arquivo, repertório e re-performance. *Novos debates*, 8(1), pp 1-28. <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V8N1.E8119>

Sennett, R. (2009). O artífice (Clóvis Marques, Trad.) (2. Ed). Record. (Obra original publicada em 2008).

Shercliff, E. (2015). Joining in and dropping out: Hand-stitching in spaces of social interaction. *Craft Research*, 6(2), pp. 187-207. [https://doi.org/10.1386/crre.6.2.187\\_1](https://doi.org/10.1386/crre.6.2.187_1)

**Corpus**

Bailey, R., & Walton, N. (2022). The Big Rainbow Knit: revisiting craftivist practices through place-based making. *TEXTILE*, 1–14. <https://doi.org/10.1080/14759756.2022.2102731>

Bolaki, S. (2020). Disability narrative, embodied aesthetics and cross-media arts. In Hall, A. (Ed.) *The Routledge Companion to Literature and Disability* (pp. 327-342). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315173047-33>

Celigueta Comerma, G. & Martínez Mauri, M. (2020). ¿Textiles mediáticos? Investigar sobre activismo indígena en Panamá, Guatemala y el espacio Web 2.0. *Revista Española de Antropología Americana*, 50, 241–252. <https://doi.org/10.5209/reaa.70367>

Chang, H. J., Rakib, N., & Min, J. (2023). An Exploration of Transformative Learning Applied to the Triple Bottom Line of Sustainability for Fashion Consumers. *Sustainability*, 15(12), 9300. <https://doi.org/10.3390/su15129300>

Collinge, P. (2020). Enterprise, activism and charity: Mary Pickford and the urban elite of Derby, 1780-1812. *Midland History*, 45(1), 36–54. <https://doi.org/10.1080/0047729X.2020.1712079>

Conduru, R. (2023). Axó of the spider woman: black activism in Goya Lopes's patterned fabrics. *International Journal of Fashion Studies*, 10(2), 157–187. [https://doi.org/10.1386/inf\\_00093\\_1](https://doi.org/10.1386/inf_00093_1)

Cortés-Rico, L., & Pérez-Bustos, T. (2021). Textile objections: interferences and digital-textile activism. *Cadernos Pagu*, 59. <https://doi.org/10.1590/18094449202000590007>

Corvellec, H & Stål, H. (2019). Qualification as corporate activism: How Swedish apparel retailers attach circular fashion qualities to take-back systems. *Scandinavian Journal of Management*, 35 (3). <https://doi.org/10.1016/j.scaman.2019.03.002>

Dillon, L. (2024). Participatory needlework and human rights activism: the project Bordando por la paz y la memoria: una víctima un pañuelo [Embroidering for peace and memory: one victim, one handkerchief]. *Journal of Romance Studies*, 24(1), 73–95. <https://doi.org/10.3828/jrs.2024.6>

González-Arango, I. C., Villamizar-Gelves, A. M., Chocontá-Piraquive, A., & Quiceno-Toro, N. (2022). Pedagogías textiles sobre el conflicto armado en Colombia: activismos, trayectorias y transmisión de saberes desde la experiencia de cuatro colectivos de mujeres en Quibdó, Bojayá, Sonsón y María La Baja. *Revista de estudios sociales*, 79, 126–144. <https://doi.org/10.7440/res79.2022.08>

Grammont, N., Ezcurra, M. (2022). Latin American and Latin-Canadian textile practices: Art, activism and diasporic identity. In Surette, S. & Paterson, E. *Craft and Heritage Intersections in Critical Studies and Practice*. Bloomsbury. <https://doi.org/10.5040/9781350067615.ch-5>

Hackney, F. & Setterington, L. (2022). Crafting with a purpose: how the ‘work’ of the workshop makes, promotes and embodies well-being. *Journal of Applied Arts & Health*, 13, 307–324. [https://doi.org/10.1386/jaah\\_00113\\_1](https://doi.org/10.1386/jaah_00113_1)

Hart, I. (2022). Althea McNish: designs without borders. *Art History*, 45(3), 598–623. <https://doi.org/10.1111/1467-8365.12655>

Jeffrey Jehom, W. (2022). Dilemmas of an Indigenous activist anthropologist: Iban textiles and community development. *AlterNative: an international journal of indigenous peoples*, 18(2), 245 – 256. <https://doi.org/10.1177/11771801221101780>

Koenig, P. & Poncet, S. (2019). Social responsibility scandals and trade. *World Development*, 124. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2019.104640>.

Koenig, P. & Poncet, S. (2022). The effects of the Rana Plaza collapse on the sourcing choices of French importers. *Journal of International Economics*, 137. <https://doi.org/10.1016/j.jinteco.2022.103576>

Kupfner, M. (2023). Folded into the archive: racialized textile labours and the work of suffrage memory. *Histoire Sociale*, 56(116), 341–367. <https://doi.org/10.1353/his.2023.a914567>

Manathunga, C., Bosanquet, A. (2021). Remaking Academic Garments. In Black, A.L., Dwyer, R. (eds) *Reimagining the Academy*. Palgrave Macmillan, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-75859-2\\_17](https://doi.org/10.1007/978-3-030-75859-2_17)

Mandell, H. (2021). ‘Monstrous’ craft activism: A city yarn installation that wrought controversy through textile togetherness and community engagement. *Craft Research*, 12(1), 31–50. [https://doi.org/10.1386/crre\\_00039\\_1](https://doi.org/10.1386/crre_00039_1)

Mandell, H. (2023). Yarn over police brutality: race and the occupation of Rochester City Hall’s steps during the Daniel Prude Protest. *TEXTILE*, 1–11. <https://doi.org/10.1080/14759756.2023.2215127>

Matta, N. (2020). Class Capacity and Cross-Gender Solidarity: Women’s Organizing in an Egyptian Textile Company. *Politics & Society*, 49(2), 203-233. <https://doi.org/10.1177/0032329220938521>

May, K. (2020). The Pussyhat Project: texturing the struggle for feminist solidarity. *Journal of International Women’s Studies*, 21 (3). <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol21/iss3/7>

Mazzarella, F. & Black, S. (2023). Fashioning change: fashion activism and its outcomes on local communities. *Fashion Practice*, 15(2), 230–255. <https://doi.org/10.1080/17569370.2022.2095729>

McGovern, A. & Barnes, C. (2022). Visible mending, street stitching, and embroidered handkerchiefs: how craftivism is being used to challenge the fashion industry. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, 11(2), 87–101. <https://doi.org/10.5204/ijcjsd.2352>

McMullan, M. (2022). Will there be womanly times? Reflections on the work of Ellen Lesperance. *TEXTILE*, 1–9. <https://doi.org/10.1080/14759756.2022.2136870>

Meech, S. (2022). Fabrications: using knitted artworks to challenge developers’ narratives of regeneration and recognise Manchester’s south asian working class textiles businesses. *TEXTILE*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/14759756.2022.2099628>

Moreshead, A., & Salter, A. (2023). Knitting the in\_visible: data-driven craftivism as feminist resistance. *Journal of Gender Studies*, 32(8), 875–886. <https://doi.org/10.1080/09589236.2023.2258068>

Nordenstam, A. & Wallin Wictorin, M. (2022). Comics craftivism: embroidery in contemporary Swedish feminist comics. *Journal of graphic novels and comics*, 13(2), 174–192. <http://doi.org/10.1080/21504857.2020.1870152>

Pérez-Bustos, T., Sánchez-Aldana, E., & Chocontá-Piraquive, A. (2019). Textile material metaphors to describe feminist textile activisms: from threading yarn, to knitting, to weaving politics. *TEXTILE*, 17(4), 368–377. <https://doi.org/10.1080/14759756.2019.1639417>

Raghavan, P. (2022). ‘Oh, there are politics in Billie’s Work!’: Billie Zangewa and/at the boundaries of feminist visual activism. *Journal of Cultural Analysis and Social Change*, 7(2), 19. <https://doi.org/10.20897/jcasc/12760>

Rani, H. & Saha, G. (2021). Organizations and standards related to textile and fashion waste management and Sustainability. In Nayak, R. & Patnaik, A. *The Textile Institute Book Series, Waste Management in the Fashion and Textile Industries* (pp. 173-196). Woodhead Publishing. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-818758-6.00009-0>

Razor, S. (2022). The code of presence: belarusian protest embroideries and textile patterns: exhibition report. *FOLKLORICA - Journal of the slavic, east european, and eurasian Folklore Association*, 26, 72–98. <https://doi.org/10.17161/folklorica.v26i.18373>

Sánchez-Aldana, E.; Pérez-Bustos, T. & Chocontá-Piraquive, A. (2019). ¿Qué son los activismos textiles?: una mirada desde los estudios feministas a catorce casos bogotanos. *Athenea Digital*, 19(3). <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2407>

Sandhu, A. (2019). India’s digital drag aunties: breaking new ground wearing familiar fashions. *Dress*, 45(1), 55–73. <https://doi.org/10.1080/03612112.2019.1567131>

Sandhu, A. (2022). Less is more: The paradox of minimalism in contemporary Indian fashion. *International Journal of Fashion Studies*, 9, Issue Decolonizing Fashion as Process, 339–359. [https://doi.org/10.1386/inf\\_00075\\_1](https://doi.org/10.1386/inf_00075_1)

Sliwinska, B. (2023). Caring to notice: Sera Waters’ disentangled pasts, attentive reparation and truth-telling toward survivable futures. *Art Journal*, 82(4), 18–37. <https://doi.org/10.1080/00043249.2023.2281216>

Tacchetti, M., Quiceno Toro, N., Papadopoulos, D., & Puig de la Bellacasa, M. (2022). Crafting ecologies of existence: more than human community making in colombian textile craftivism. *Environment and Planning E: Nature and Space*, 5(3), 1383–1404. <https://doi.org/10.1177/25148486211030154>

Trejo, H. X., Burks, F., Vargas, J. J., & Villanueva, I. D. (2023). Supporting US Rare Sheep Farms: A Fashion Accessory and Marketing Strategy. *Fashion Practice*, 15(3), 373–400. <https://doi.org/10.1080/17569370.2023.2202492>

Warner, H., & Inthorn, S. (2022). Activism to make and do: the (quiet) politics of textile community groups. *International Journal of Cultural Studies*, 25(1), 86–101. <https://doi.org/10.1177/13678779211046015>